



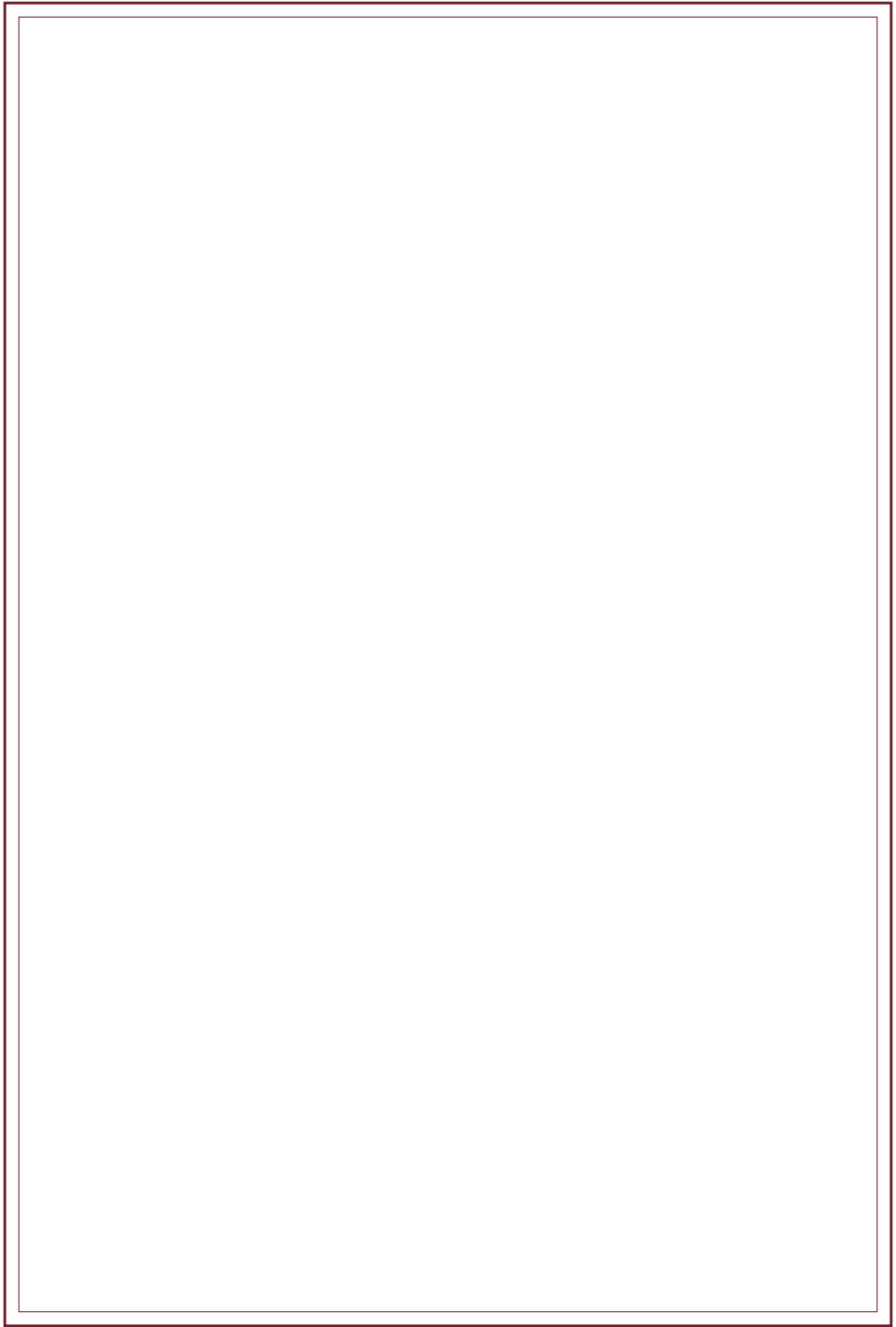
O MENINO ESTRELA

OSCAR WILDE

O MENINO-ESTRELA

um conto

Oscar Wilde



O MENINO-ESTRELA

De Oscar Wilde

Era uma vez dois lenhadores que atravessavam uma floresta de pinheiros a caminho de casa. Era Inverno e uma noite de frio agreste. A neve engrossava sobre o chão e sobre os ramos das árvores. À medida que caminhavam, o gelo mordia os ramos que os ladeavam e, quando chegaram à Torrente da Montanha, esta estava parada no ar pois fora beijada pelo Rei-Gelo.

Fazia tanto frio que nem mesmo os animais e as aves percebiam o que estava acontecendo.

“Ui!”, rosnou o lobo, coxeando através do mato com o rabo entre as pernas. “Está um tempo insuportável! Como é que o Governo não trata disto?”

“Piu! Piu! Piu!”, piaram os pintarroxos. “A velha Terra está morta e embrulharam-na na sua mortalha branca.”

“A Terra vai-se casar e este é o seu vestido de noiva”, segredaram as pombas umas às outras. Tinham os pezinhos rosados enregelados, mas achavam que tinham o dever de avaliar a situação de um ponto de vista romântico.

“Que disparate!”, resmungou o lobo. “Estou dizendo a vocês que a culpa é do Governo, e se não acreditam em mim, devoro todos vocês agora mesmo!”

O lobo tinha um espírito prático e nunca lhe faltavam bons argumentos.

“Bem, pelo meu lado”, disse o pica-pau, que era um filósofo nato, “pouco me ralo com grandes teorias explicativas. Se uma coisa é assim, é assim, e agora está um frio de rachar!”

E estava um frio de rachar. Os esquilinhos, que viviam dentro do pinheiro mais alto, esfregavam os narizes uns dos outros para se manterem quentes e os coelhos enovelavam-se na sua toca e não se atreviam a pôr o nariz fora dela. As únicas criaturas que pareciam satisfeitas eram as grandes corujas. Tinham as penas tesas de geada, mas não se ralavam e giravam os grandes olhos, gritando umas para as outras através da floresta: “Piu! Piu! Piu! Que tempo maravilhoso!”

Os lenhadores avançavam, soprando nos dedos e batendo com as botas cardadas na neve fofa. A certa altura enterraram-se num monte de neve profundo e reapareceram tão brancos como os moleiros, quando as rodas moem o trigo. Noutro momento, escorregaram na superfície gelada de um pântano, as ferramentas caíram-lhes dos sacos e eles tiveram que as apanhar e voltar a amarrar tudo. Chegaram a pensar que se tinham perdido e foram tomados de um grande terror, pois sabiam que a neve é cruel para aqueles que adormecem nos seus braços. Depositaram a sua fé em São Martinho, que protege todos os viajantes, refizeram os seus passos, caminharam com dificuldade e, por fim, quando chegaram à orla da floresta,

viram, lá em baixo, no vale, as luzes da aldeia onde viviam.

Ficaram tão contentes por se sentirem a salvo, que riram em voz alta, e a terra pareceu-lhes uma flor prateada e a Lua uma flor dourada.

Porém, depois do riso veio a tristeza, pois recordaram a pobreza em que viviam, e um disse ao outro:

“Porque estamos nós tão contentes, se a vida é para os ricos e não para pessoas como nós? Melhor fora termos morrido de frio na floresta ou que alguma fera tivesse caído sobre nós para nos devorar.”

“É verdade”, respondeu o outro, “alguns têm muito e outros não têm nada. A injustiça divide o mundo, nada é distribuído com igualdade excepto o sofrimento.”

Enquanto se queixavam da sua miséria, uma coisa estranha aconteceu. Do céu caiu uma estrela bela e brilhante. Deslizou por um lado do céu, passou pelas outras estrelas e, enquanto eles olhavam siderados, pareceu-lhes que caíra por trás de um maciço de salgueiros que se aninhava contra um redil a pouca distância dali.

“Há um pote de ouro para quem o encontrar”, exclamaram eles e precipitaram-se para lá, tão desejosos de ouro estavam!

Um deles correu mais depressa do que o companheiro e ultrapassou-o e passou os salgueiros e viu-se do outro lado e... ah! havia realmente uma coisa dourada sobre a neve branca. Aproximou-se correndo e, parando de repente, pousou as mãos sobre ela. Era uma capa de tecido dourado, estranhamente decorada com

estrelas e toda dobrada. Ele gritou ao seu companheiro que encontrara o tesouro caído do céu e, assim que o outro lá chegou, sentaram-se na neve e abriram a capa para dividirem as moedas de ouro. Mas, ai deles, não havia ouro, nem prata, nem mesmo nenhum tesouro, só uma criancinha que dormia.

E um deles disse ao outro:

“Que golpe nas nossas ilusões! Não temos sorte nenhuma, pois que proveito nos pode trazer uma criança? Deixemo-la aqui e vamos embora, visto que somos homens pobres e temos filhos cujo pão não podemos dar a outro.”

Mas o companheiro respondeu-lhe:

“Não, seria uma coisa muito má deixar a criança para morrer aqui na neve! Embora eu seja tão pobre quanto você, e tenha muitas bocas para alimentar e pouco para lhes dar, vou levá-la comigo e a minha mulher olhará por ela.”

Então, com carinho, pegou na criança, embrulhou-a na capa para a proteger do frio e desceu a colina na direcção da aldeia com o companheiro espantado com tanta tolice e com a moleza do seu coração.

Assim que chegaram à aldeia, o companheiro disse-lhe:

“Você tem a criança, por isso, deve me dar a capa, pois devemos dividir o que encontramos.”

Mas o outro respondeu-lhe:

“Não. A capa não é minha nem sua, é da criança.”

Despediu-se do outro, foi para a sua casa e bateu na porta.

Quando a mulher abriu a porta e viu que o marido regressara são e salvo, deitou-lhe os braços ao pescoço, beijou-o, tirou-lhe o saco da ferramenta das costas, sacudiu-lhe a neve das botas e disse-lhe que entrasse.

Mas ele declarou antes mesmo de passar a porta:

“Encontrei uma coisa na floresta que te trouxe para que cuides dela.”

“O que é?”, perguntou ela. “Mostra-ma, pois a casa está vazia e nós precisamos de muitas coisas.”

Ele abriu a capa e mostrou-lhe a criança adormecida.

“Ai, homem!”, murmurou ela, “não temos nós filhos nossos? Que necessidade você tem de trazer um enjeitado para sentar à nossa lareira? E quem sabe se ele não nos trará má sorte?”

E ficou zangada com ele.

“Repara, é um Menino-Estrela”, respondeu ele. E contou-lhe o modo estranho como o encontrara.

Mas ela não acalmava e troçava dele e falava-lhe com maus modos e gritou:

“Os nossos filhos não têm pão e havemos de alimentar os filhos dos outros? E quem é que olha por nós? E quem nos dá de comer?”

“Pois, mas Deus olha até pelos pardais, e alimenta-os”, respondeu ele.

“E os pardais não morrem de fome durante o Inverno?”, perguntou ela. “E não estamos nós no Inverno?”

O homem não deu resposta, mas não se afastou da entrada.

E um vento agreste soprando da floresta entrou pela porta aberta e fê-la estremecer e a mulher tremeu e disse-lhe:

“Você não quer fechar a porta? O vento gelado entra em casa e eu tenho frio.”

“Numa casa onde um coração é duro não há sempre um vento agreste?”, perguntou ele. A mulher não respondeu, mas aproximou-se do fogo.

Passados momentos, ela virou-se e olhou para ele e tinha os olhos cheios de lágrimas. Ele aproximou-se depressa, colocou-lhe a criança nos braços e ela beijou-a e deitou-a na caminha onde o filho mais novo dormia. Na manhã seguinte, o lenhador pegou na estranha manta dourada e meteu-a na grande arca e a mulher retirou a corrente de âmbar que a criança tinha ao pescoço e meteu-a na arca também.

Assim o Menino-Estrela foi criado com os filhos do lenhador, tinha os mesmos direitos e brincava com eles. E a cada ano que passava tornava-se mais bonito de ver, a tal ponto que todos os que passavam pela aldeia ficavam extasiados pois, enquanto os outros eram morenos e de cabelos escuros, ele era branco e delicado como o marfim polido e os seus caracóis eram como os anéis de um narciso. Os lábios pareciam as pétalas de uma flor encarnada, os olhos eram como as violetas que crescem junto a um rio de água pura e o corpo era como os narcisos de um campo onde as ceifeiras não chegam.

Apesar disso, a beleza fizera-o mau. E ele crescia orgulhoso, cruel e egoísta. Desprezava os filhos do lenhador e as outras crianças da aldeia, dizendo que eles tinham origens humildes, enquanto ele era nobre, tendo nascido de uma estrela. Tornou-se o amo deles e tratava-os como criados. Não tinha piedade dos pobres, nem dos cegos e aleijados, nem dos que sofriam. Atirava-lhes pedras e afugentava-os da aldeia, dizendo-lhes que fossem pedir pão para outras paragens ao ponto de só os malfeitores voltarem segunda vez ali para pedir esmola. Na verdade, estava enamorado da beleza, e troçava dos fracos e desfavorecidos. No Verão, quando a brisa era suave, deitava-se junto ao poço do pomar do padre, contemplava o esplendor do seu próprio rosto e ria de prazer pela sua beleza.

Frequentemente, o lenhador e a mulher admoestavam-no e diziam:

“Não tratamos você como você trata os que necessitam de ajuda sem terem quem os socorra. Por que você é tão cruel com os que merecem piedade?”

Muitas vezes o padre mandava chamá-lo e tentava ensinar-lhe o amor pelos seres vivos, dizendo-lhe:

“A mosca é sua irmã. Não lhe faça mal. As aves selvagens que voam na floresta têm a sua liberdade. Não as pegue por prazer. Deus fez a cobra-de-vidro e a toupeira, e cada um tem o seu lugar. Quem é você para trazer a dor ao mundo de Deus? Até o gado dos campos lhe dá graças.”

O Menino-Estrela, porém, não escutava as palavras deles, franzia o sobrolho e escarnecia delas, juntava-se aos companheiros e

guiava-os. E os companheiros seguiam-no, pois ele era belo e ágil e sabia dançar e tocar e fazer música. E tudo o que o Menino-Estrela lhes ordenava, eles faziam. E quando ele, com uma cana afiada, picava os olhos turvos da toupeira, eles riam, e quando ele atirava pedras ao leproso, eles riam também. E em tudo os dominava e eles tornavam-se tão duros de coração como ele.

Ora, um dia, passou pela aldeia uma pobre mendiga. As suas roupas estavam esfarrapadas, os pés sangravam devido à aspereza dos caminhos que percorrera e ela estava em muito mau estado. Como estava cansada, sentou-se debaixo de um castanheiro para repousar. Porém, assim que o Menino-Estrela a viu, disse aos companheiros: “Olhem! Vejam aquela mendiga horrível debaixo daquela bela árvore de folhas verdes. Vamos, expulsemos-la de lá, pois ela é feia e pobre.”

Então, aproximou-se, atirou-lhe pedras e troçou dela e ela olhou para ele com terror e não desviou os olhos dele. E, quando o lenhador que cortava lenha ali perto viu o que o Menino-Estrela estava fazendo, correu e ralhou-lhe, dizendo:

“Você tem um coração de pedra e não conhece piedade. Que mal lhe fez esta pobre mulher para que a trate deste modo?”

O Menino-Estrela ficou vermelho de fúria, bateu com os pés no chão e disse: “Quem é você para me interpelar? Não sou seu filho, nem tenho que obedecer às suas ordens.”

“Você diz a verdade”, respondeu o lenhador, “no entanto, mostrei piedade por você quando te encontrei na floresta.”

Quando a mendiga ouviu estas palavras, soltou um grito e desmaiou. O lenhador levou-a para casa e a sua mulher olhou por ela e, logo que acordou do desmaio em que caíra, ofereceram-lhe carne e bebida, insistindo para que comesse.

Mas ela não comia nem bebia, dizendo ao lenhador:

“Você não disse que a criança foi encontrada na floresta? Não faz agora dez anos?”

O lenhador respondeu:

“É verdade, encontrei-a na floresta e faz agora dez anos.”

“E que sinais você encontrou com ela?”, perguntou a mendiga. “Não trazia uma corrente de âmbar ao pescoço? Não estava embrulhada numa manta dourada bordada com estrelas?”

“Assim é”, respondeu o lenhador, “tal e qual como você disse.”

Tirou a capa e a corrente de âmbar da arca onde se encontravam e mostrou-lhas.

Ao ver aquelas coisas, ela chorou de alegria e disse:

“É o meu filhinho que perdi na floresta. Chamem-no, depressa, pois percorri o mundo à sua procura.”

Então, o lenhador e a mulher saíram e chamaram o Menino-Estrela, dizendo-lhe:

“Vá para casa e encontre a sua mãe, que está esperando por você.”

Ele correu logo para lá, cheio de espanto e de grande alegria. Porém, quando viu aquela que o aguardava, riu com desprezo e disse:

“Ora esta, onde está a minha mãe? Não vejo senão esta pedinte miserável.”

E a mulher respondeu-lhe:

“Eu sou a sua mãe.”

“Você deve ser louca para dizer tal coisa”, exclamou o Menino-Estrela furioso. “Eu não sou seu filho, porque você é uma pedinte, feia e esfarrapada. Por isso, desapareça daqui e que eu nunca mais veja a sua cara hedionda.”

“Não, você é realmente o filho que eu dei à luz na floresta”, exclamou ela, caindo de joelhos e estendendo os braços para ele. “Os ladrões te roubaram de mim e te abandonaram para morrer”, murmurou, “mas eu te reconheci assim que te vi e também reconheci os sinais, a capa dourada e a corrente de âmbar. Por isso, eu te peço que venha comigo, pois corri o mundo todo à sua procura. Venha comigo, meu filho, eu preciso do seu amor.”

Mas o Menino-Estrela não se mexeu do seu lugar, fechando-lhe as portas do seu coração e não se ouvia um som excepto o do choro de dor da mulher.

Por fim, ele falou com ela e a sua voz era dura e amarga:

“Se na verdade você é a minha mãe”, disse ele, “melhor seria que não tivesse vindo aqui encher-me de vergonha, pois eu acreditava

que era filho de alguma estrela, e não de uma mendiga, como você me diz que sou. Por isso, desapareça daqui e nunca mais volte.”

“Ai, filho”, gritou ela, “não me dás um beijo antes de partir? Sofri muito até aqui chegar.”

“Não”, respondeu o Menino-Estrela, “você é feia demais, e eu prefiro beijar uma víbora ou um sapo.”

A mulher então ergueu-se, e desapareceu na floresta chorando amargamente e, quando o Menino-Estrela viu que ela partira, ficou contente, e correu para junto dos companheiros para brincar com eles.

Assim que o viram, estes troçaram dele dizendo:

“Ora, você é tão feio como um sapo e tão nojento quanto uma víbora. Vá andando, que nós não queremos brincar com você.”

E expulsaram-no do jardim.

O Menino-Estrela ficou aborrecido e disse para consigo: “O que eles estão dizendo? Vou ao poço olhar-me na água, e ela vai me mostrar a minha beleza.”

Foi até ao poço e olhou para a água. Oh! O seu rosto parecia o de um sapo e o seu corpo o de uma víbora. Atirou-se para a erva, chorou e disse a si mesmo: “Isto aconteceu-me por causa do pecado que cometi. Neguei a minha mãe e expulsei-a, fui orgulhoso e cruel com ela. Assim, partirei à sua procura por todo o mundo e não descansarei até a ter encontrado.”

A filhinha do lenhador foi ter com ele e pôs a mão sobre o seu ombro dizendo:

“Que importa que você tenha perdido a sua beleza? Fique conosco, que eu não vou zombar de você.”

Ele respondeu:

“Não, fui cruel com a minha mãe e isto é o meu castigo. Tenho que partir e vagar pelo mundo até a encontrar e ela me perdoar.”

Correu então para a floresta e chamou pela mãe, mas não obteve resposta. Todo o dia chamou e, quando o Sol se pôs, deitou-se a dormir numa cama de folhas e as aves e os animais fugiram dele, pois recordavam-se da sua crueldade, e ele ficou sem companhia excluindo a de um sapo que o observava e a de uma víbora que por ali rastejava.

De manhã levantou-se, apanhou algumas bagas azedas de um arbusto, comeu-as e retomou o seu caminho pela floresta densa, chorando dolorosamente. E a todos os que encontrava perguntava se tinham visto a sua mãe.

Disse à toupeira:

“Tu andas por baixo da terra. Diz-me, a minha mãe está lá?”

E a toupeira respondeu:

“Você me cegou. Como posso saber?”

Disse ao pintarroxo:

“Tu voas por cima das árvores mais altas e vês o mundo todo. Diz-me, consegues ver a minha mãe?”

E o pintarroxo respondeu:

“Você cortou minhas asas por prazer. Como posso voar?”

E ao esquilinheiro que vivia no pinheiro e estava sozinho perguntou:

“Onde está a minha mãe?”

E o esquilo respondeu:

“Você matou a minha mãe. Também quer matar a sua?”

E o Menino-Estrela chorou, curvou a cabeça, pediu perdão às criaturas de Deus e seguiu pela floresta, procurando a pedinte. Ao terceiro dia chegou ao outro lado da floresta e desceu para o vale.

Ao passar pelas aldeias, as crianças troçavam dele e atiravam-lhe pedras e não o deixavam sequer dormir nos estábulos, não fosse ele estragar o grão armazenado, tão feio era. Contratavam homens para o expulsar e ninguém tinha pena dele. Também não soubera notícias da mendiga que era sua mãe, embora tivesse vagueado três anos pelo mundo e lhe tivesse, por vezes, parecido que ela caminhava à sua frente pela estrada e a tivesse chamado e corrido atrás dela até as pedras lhe fazerem sangrar os pés. No entanto, nunca pudera alcançá-la e os que viviam ao longo do caminho negavam sempre tê-la visto, ou a outra como ela, e troçavam do seu sofrimento.

Durante três anos vagueou pelo mundo e no mundo não havia amor, nem bondade, nem caridade para ele, mas era o mundo que ele construía nos seus dias de orgulho.

Uma noite, chegou ao portão de uma cidade fortificada que ficava junto a um rio e, cansado, com os pés doridos, fez menção de entrar. Porém, os soldados que estavam de guarda cruzaram as lanças na frente da entrada e disseram-lhe com rudeza:

“Que vens fazer à cidade?”

“Procuro a minha mãe”, respondeu ele, “e peço-vos que me deixeis passar, pois pode ser que ela esteja na cidade.”

Mas eles troçaram dele e um deles abanou a barba negra, pousou o escudo e exclamou:

“Para dizer a verdade, sua mãe não vai ficar nada contente quando te vir, pois você é mais feio que o sapo dos pântanos e do que a víbora que rasteja no feno! Vá andando! Sua mãe não mora nesta cidade.”

E outro, que tinha um estandarte amarelo na mão, disse-lhe:

“Quem é a sua mãe e por que você a procura?”

E ele respondeu:

“A minha mãe é uma mendiga como eu e eu tratei-a mal e peço-vos que me deixeis passar para lhe pedir perdão, caso viva nesta cidade.”

Mas eles não deixaram e picaram-no com as lanças.

E, assim que se voltou, chorando, um homem com uma armadura gravada com flores douradas, e com um capacete com a figura de um

leão alado, aproximou-se e perguntou aos soldados quem pedira para entrar. Eles disseram:

“É um pequeno pedinte, filho de uma pedinte e nós mandámo-lo embora.”

“Não”, disse ele, rindo, “vamos vender essa peste como escravo, e o seu preço será uma taça de vinho doce”.

Então, um velho carrancudo que passava exclamou:

“Compro-o por esse preço” e, tendo pago o que era devido, agarrou no Menino-Estrela pela mão e encaminhou-se com ele para a cidade.

Depois de terem percorrido muitas ruas chegaram a uma portinha que ficava numa parede coberta por uma romãzeira. O velho tocou na porta com um anel de jaspe cinzelado. Ela abriu-se e desceram cinco degraus de bronze até um jardim cheio de papoilas negras e vasos verdes de barro queimado. O velho tirou, então, do turbante um lenço que parecia de seda, vendou com ele os olhos do Menino-Estrela e empurrou-o à sua frente. E, quando o lenço lhe foi retirado, o Menino-Estrela encontrou-se numa masmorra que estava iluminada por uma lanterna.

O velho colocou diante dele um pouco de pão bolorento e disse-lhe: Come.

Pôs-lhe uma taça de água salobra e disse:

“Bebe.”

Depois de ele ter comido e bebido, o velho saiu, fechando a porta atrás de si e prendendo a fechadura com uma corrente de ferro.

Na manhã seguinte, o velho, que era o mais sutil dos feiticeiros da Líbia e que aprendera a sua arte com alguém que vivia nos túmulos do Nilo, entrou, fitou-o com severidade e disse:

“Num bosque que fica nas proximidades do portão da cidade de Giaours há três moedas de ouro. Uma é de ouro branco, outra de ouro amarelo, o ouro da terceira é vermelho. Hoje você vai me trazer a moeda de ouro branco e, se não a trouxer, dou a você cem chicotadas. Vá depressa, e ao pôr do sol estarei esperando por você na porta do jardim. Veja se traz o ouro branco, ou vai se dar mal comigo, pois você é meu escravo e eu comprei você pelo preço de uma taça de vinho doce.”

Vendou os olhos do Menino-Estrela com o lenço que parecia de seda e conduziu-o através da casa, pelo jardim das papoilas e pelos cinco degraus de bronze. E, tendo aberto a porta com o anel, pô-lo na rua.

O Menino-Estrela saiu pelo portão da cidade e chegou ao bosque de que o mágico lhe falara.

O bosque parecia muito bonito visto de fora, cheio de aves canoras e de flores perfumadas e o Menino-Estrela entrou muito contente. A beleza do bosque, no entanto, de pouco lhe aproveitou. Para onde quer que se virasse, urzes e espinhos nasciam do chão e impediam-lhe a passagem. As urtigas picavam-no e os espinhos cortavam-no como punhais, até ele ficar desesperado de dor. Também não conseguia encontrar a moeda de ouro branco de que o

mágico falara, embora a tivesse procurado desde manhã até ao meio-dia e desde o meio-dia até ao pôr-do-sol. Ao pôr-do-sol virou-se na direcção de casa, chorando amargamente, pois sabia bem o que o esperava.

Porém, assim que chegou à orla do bosque, ouviu, vindo de um arbusto, um grito de alguém que sofria. Esquecendo os seus próprios sofrimentos, correu para lá e viu uma pequena lebre presa na armadilha de algum caçador.

E o Menino-Estrela teve pena dela, soltou-a e disse-lhe:

“Embora não passe de um escravo, posso te dar a liberdade.”

A lebre agradeceu e disse:

“Sem dúvida que você me deu a liberdade, mas o que posso te dar em troca?”

O Menino-Estrela respondeu:

“Procuro uma moeda de ouro branco, não a encontro em lado nenhum e, se não a levar comigo, o meu amo bate-me.”

“Vem comigo”, disse a lebre, “eu te levo até ela, pois sei onde está escondida e para quê.”

Então o Menino-Estrela foi com a lebre e, vejam, numa fenda de um grande carvalho, viu a moeda de ouro branco que procurava. Ficou cheio de alegria, agarrou nela e disse à lebre:

“O serviço que te prestei me rendeu muito mais, e a bondade que mostrei para com você me foi retribuída com muitos juros.”

“Não”, disse a lebre, “como você me tratou, assim eu te tratei.”

A lebre desapareceu correndo, e o Menino-Estrela regressou à cidade.

A porta da cidade estava sentado um leproso. Tinha um pano cinzento a cobrir-lhe o rosto e no fundo das órbitas os seus olhos brilhavam como carvões incandescentes. Assim que viu o Menino-Estrela a aproximar-se, bateu numa tigela de pau que trazia, tocou o sino e chamou-o, dizendo:

“Dá-me uma moeda ou morrerei de fome. Não me deixaram entrar na cidade e ninguém tem pena de mim.”

“Que infelicidade!”, exclamou o Menino-Estrela. “Só tenho uma moeda na carteira e, se não a levar ao meu amo, ele bate-me, pois sou seu escravo.”

O leproso, porém, pediu e implorou, até o Menino-Estrela ter pena e lhe dar a moeda de ouro.

Quando chegou a casa do mágico, este abriu-lhe a porta, fê-lo entrar e disse-lhe:

“Tens a moeda de ouro branco?”

E o Menino-Estrela respondeu:

“Não tenho.”

Então o mágico atirou-se a ele, bateu-lhe, pô-lo diante de uma tigela vazia e disse-lhe:

“Come!”

E diante de uma taça sem água, disse:

“Bebe!”, e atirou com ele para a masmorra.

Na manhã seguinte, o mágico foi ter com ele e disse-lhe:

“Se hoje você não me trazer a moeda de ouro amarelo, vou mantê-lo como escravo e lhe darei trezentas chicotadas.”

O Menino-Estrela voltou ao bosque e durante todo o dia procurou a moeda de ouro amarelo sem conseguir encontrá-la. Ao pôr-do-sol, sentou-se e começou a chorar. Enquanto chorava, passou por ali a lebre que ele salvara no dia anterior.

A lebre perguntou:

“Por que você está chorando? O que procura no bosque?”

O Menino-Estrela respondeu:

“Procuro uma moeda de ouro amarelo que está aqui escondida. Se não a encontrar, o meu amo bate-me e mantém-me como escravo.”

“Segue-me”, exclamou a lebre e correu pelo bosque até chegar a um pequeno lago. No fundo do lago estava a moeda de ouro.

“Como posso te agradecer?”, perguntou o Menino-Estrela. “Já é a segunda vez que você me ajuda!”

“Não, você teve pena de mim em primeiro lugar”, respondeu a lebre, e desapareceu correndo.

O Menino-Estrela agarrou na moeda, pô-la na carteira e apressou-se a regressar à cidade. Porém, o leproso viu-o chegar,

correu ao seu encontro, ajoelhou-se e gritou:

“Dá-me uma moeda ou morrerei de fome.”

O Menino-Estrela disse-lhe:

“Tenho na carteira uma só moeda de ouro amarelo e, se não a levar ao meu amo, ele bate-me e mantém-me como escravo.”

O leproso, porém, suplicou-lhe tanto que o Menino-Estrela teve pena dele e deu-lhe a moeda de ouro amarelo.

Quando chegou a casa do mágico, este abriu-lhe a porta, fê-lo entrar e disse-lhe:

“Tens a moeda de ouro amarelo?”

O Menino-Estrela respondeu:

“Não tenho.”

Então o mágico atirou-se a ele, bateu-lhe, acorrentou-o e atirou com ele para a masmorra.

Na manhã seguinte, o mágico foi ter com ele e disse-lhe:

“Se hoje você me trazer a moeda de ouro vermelho, eu o liberto, mas, se não trazer, eu o mato.”

O Menino-Estrela partiu para o bosque e, durante todo o dia, procurou a moeda sem conseguir encontrá-la. Ao fim da tarde, sentou-se, chorando. Enquanto assim estava, a pequena lebre aproximou-se dele. E disse-lhe:

“A moeda de ouro vermelho que você procura está na caverna que fica atrás de você. Por isso, não chore, e alegre-se.”

“Como posso te recompensar?!”, exclamou o Menino-Estrela. “Note que é já a terceira vez que você me ajuda.”

“Não, você teve pena de mim em primeiro lugar”, respondeu a lebre, desaparecendo correndo.

O Menino-Estrela entrou na caverna e ao fundo dela encontrou a moeda de ouro vermelho. Meteu-a na carteira e apressou-se a regressar à cidade. O leproso, ao vê-lo chegar, pôs-se no meio da estrada e gritou, dizendo:

“Dá-me a moeda de ouro vermelho ou morrerei.”

O Menino-Estrela teve mais uma vez pena dele e deu-lhe a moeda de ouro dizendo: “A tua necessidade é maior do que a minha.”

O seu coração, porém, estava pesado, pois sabia o destino que o esperava. Mas, vejam, ao passar o portão da cidade, os guardas inclinaram-se e fizeram-lhe uma reverência, dizendo:

“Que belo é o nosso amo!” Uma multidão de cidadãos seguiu-o, gritando: “Não há nenhum mais belo em todo o mundo!” O Menino-Estrela chorou e disse para si mesmo: “Estão a fazer troça de mim e da minha desgraça.”

E havia tanta gente que ele se enganou no caminho e acabou por ir dar a uma grande praça onde ficava o palácio do rei.

O portão do palácio abriu-se e os sacerdotes e dignitários da corte correram ao seu encontro, prostrando-se aos seus pés e dizendo:

“Tu és o amo por quem esperávamos, o filho do nosso rei.”

O Menino-Estrela respondeu-lhes, dizendo:

“Não sou filho de rei, sou filho de uma pobre mendiga. E porque dizeis que sou belo, se sou tão desagradável à vista?”

Então aquele que tinha a armadura de flores douradas e o capacete com o leão alado ergueu o escudo e exclamou:

“Porque diz o meu amo que não é belo!?”

O Menino-Estrela olhou e, vejam, o seu rosto voltara a ser o que já fora, e era de novo belo e nos seus olhos viu o que nunca antes vira.

Os sacerdotes e os dignitários ajoelharam-se e disseram-lhe:

“Foi profetizado há muito tempo que no dia de hoje voltaria aquele que nos há-de governar. Assim, queremos, senhor, que aceiteis a coroa e o cetro e sejais, em vossa justiça e misericórdia, o nosso rei.”

Ele, porém, respondeu-lhes:

“Não sou digno, pois neguei a minha mãe e não posso descansar até a ter encontrado e obtido o seu perdão. Deixai-me portanto ir embora, pois tenho de vaguear pelo mundo, não posso alongar-me aqui, embora me ofereçam a coroa e o cetro.”

Enquanto falava, voltou o rosto para a rua que conduzia ao portão da cidade e, vejam, entre a multidão que se empurrava contra os soldados, viu a pedinte que era sua mãe. A seu lado estava o leproso

que encontrara na estrada.

Um grito de alegria escapou-lhe dos lábios e ele correu e, ajoelhando-se, beijou as feridas que cobriam os pés da mãe, molhando-os com as suas lágrimas. Pousou a cabeça na terra e, soluçando, como alguém cujo coração se partisse, disse-lhe:

“Mãe, te neguei numa hora de orgulho. Aceite-me nesta hora de humildade. Mãe, te dei ódio, dê-me amor. Mãe, te rejeitei, receba agora o seu filho.”

Mas a pedinte não respondeu.

Ele estendeu os braços e agarrou os pés brancos do leproso e disse-lhe:

“Por três vezes te concedi a minha piedade. Peça à minha mãe que fale comigo ao menos uma vez.”

O leproso, porém, não disse nem uma palavra.

Ele chorou mais e disse:

“Mãe, o meu sofrimento é maior do que as minhas forças. Dê-me o seu perdão e deixe-me regressar à floresta.”

A pedinte pôs a mão sobre a sua cabeça e disse-lhe:

“Levante-se.”

E o leproso pôs a mão sobre a sua cabeça e disse-lhe também que se erguesse.

Ele ergueu-se e olhou para eles e, vejam, eram o rei e a rainha.

E a rainha disse-lhe:

“Este é o seu pai, e você o socorreu.”

E o rei disse:

“Esta é a sua mãe, cujos pés você lavou com as suas lágrimas.”

Abraçaram-no e beijaram-no, levaram-no para o palácio e vestiram-no com ricos trajes, puseram-lhe a coroa na cabeça e o ceptro na mão e ele governou a cidade que ficava junto ao rio e foi o seu senhor. Foi justo e misericordioso para todos, banuiu o mágico malvado e mandou grandes riquezas ao lenhador e à sua mulher, concedendo títulos aos seus filhos. Não tolerava que maltratassem as aves ou os animais, ensinando o amor, a bondade e a caridade. Aos pobres dava pão, vestia os nus e havia paz e abundância no seu reino.

No entanto, não governou por muito tempo, pois os seus sofrimentos haviam sido muitos e duras as provas por que passara, por isso, ao fim de três anos, morreu. O rei que se seguiu governou muito mal.

OSCAR WILDE

Oscar Wilde nasceu em Dublin, na Irlanda, em 1854, e, após uma vida atribulada, morreu em Paris, em 1900. Estudou em Dublin e em Oxford, tendo vivido vários anos em Londres. Considerado um dos grandes escritores de língua inglesa da segunda metade do século XIX, publicou peças de teatro — entre outras, O Leque de Lady Windermere (1892) e Um Marido Ideal (1894) —, romances, como O Retrato de Dorian Gray (1891), e poemas, além de contos para crianças. Entre os seus contos mais famosos contam-se “O Fantasma dos Canterville”, “O Príncipe Feliz”, “O Gigante Egoísta”, “O Jovem Rei”, “O Rouxinol e a Rosa”, “O Foguete Extraordinário”, “O Amigo Dedicado” e “O Menino-Estrela”.